

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 10b, Hebreus 11:1-12:3: Fé em Ação (Parte 2)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

A lista de exemplos do autor fecha com um impressionante acúmulo de exemplos, comprimidos e abreviados, de modo a causar uma impressão vívida e forte do desfile interminável daqueles cujos exemplos poderiam ser considerados em maior profundidade se o tempo permitisse. E assim, lemos: E por que ainda falo? Pois o tempo me faltaria para contar sobre Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi e Samuel, e os profetas, aqueles que por meio da confiança conquistaram reinos, praticaram a justiça, receberam promessas, fecharam a boca de leões, apagaram o poder do fogo, escaparam da boca da espada, foram feitos poderosos da fraqueza, tornaram-se fortes na guerra, derrotaram exércitos estrangeiros. As mulheres receberam seus mortos pela ressurreição.

Outros foram torturados, recusando-se a aceitar a libertação para receber uma ressurreição melhor. Ainda, outros experimentaram zombaria, espancamentos, correntes e prisão. Eles foram mortos por apedrejamento.

Eles foram cortados em dois. Eles foram massacrados pela espada. Eles andavam vestidos com peles de ovelhas e peles de cabras, famintos, aflitos, pessoas maltratadas, das quais o mundo não era digno, vagando em terras devastadas e montanhas e cavernas e nas fendas da terra.

E todos estes, tendo recebido a confirmação pela fé, não alcançaram a promessa. Deus providenciou algo melhor para nós, para que eles não chegassem ao alvo sem nós. Esse acúmulo de exemplos cai claramente em duas partes.

Nos versículos 32 a 35a, o autor nos dá uma lista de nomes e eventos abrangendo o livro de Juízes, potencialmente até Malaquias, pelo menos fornecendo uma espécie de resumo das conquistas da fé através dos livros históricos. Na segunda parte deste segmento, versículos 35b a 38, o autor fala sobre os destinos dos profetas e mártires da crise da helenização também, completando assim a história canônica, além de fazer referência a várias lendas sobre as mortes de mártires e os grandes profetas de Israel. Nos versículos 34 a 35a, novamente, o pregador se concentra em figuras que, por meio da confiança em Deus, alcançaram o que qualquer pessoa no mundo consideraria coisas maravilhosas ou milagrosas, mostrando proezas militares e experimentando libertação oportuna da morte, até mesmo envolvendo a ressuscitação de cadáveres.

Na segunda parte, versículos 35b a 38, o pregador foca naqueles que seriam, aos olhos do mundo, perdedores envergonhados e derrotados, mas que, da perspectiva de Deus, são tão triunfantes e honrados quanto os heróis dos versículos 32 a 35a. A

mensagem transmitida aqui é que, independentemente das circunstâncias externas, é a postura de lealdade a Deus e confiança na palavra de Deus que marca o valor de uma pessoa, um valor que o resto do mundo pode de fato deixar de reconhecer. Hebreus 11, 33 a 34, fornece uma coleção muito concisa de realizações dos fiéis.

O grupo um parece lembrar principalmente exemplos conectados à monarquia. Aqueles que conquistaram reinos lembram dos sucessos militares dos juízes e de Davi. Estabelecer ou realizar justiça lembra as caracterizações do reinado de Davi em 2 Samuel e também do reinado de Salomão em 1 Reis 10.

A frase que eles receberam promessas é uma referência ampla à recepção de benefícios específicos prometidos por Deus às pessoas que confiaram nele, como, por exemplo, Davi, que recebeu a promessa de um herdeiro para sentar-se em seu trono, um trono que Deus tornaria grande. Há um segundo grupo que então segue. As próximas três conquistas nesta lista focam na libertação do perigo.

Aqueles que fecharam a boca dos leões seriam sem dúvida reconhecidos pelos destinatários como uma referência à libertação de Daniel da forma de execução designada para ele em Daniel capítulo 6. Aqueles que apagaram o poder do fogo lembrariam os três companheiros de Daniel que, após serem lançados na fornalha ardente, emergiram ilesos das chamas, como lemos em Daniel capítulo 3. Esses quatro homens foram celebrados na cultura judaica por sua lealdade inabalável a Deus, demonstrada em sua adesão intransigente ao primeiro mandamento, tanto o aspecto negativo de evitar a idolatria quanto o aspecto positivo de continuar a oferecer adoração e oração a Deus, mesmo diante da ameaça de morte. Daniel e os três estarão em nítido contraste com os mártires a serem mencionados mais tarde nos versículos 35b a 36, que são salvos não da morte, mas por meio da morte. O ponto do autor é, naturalmente, que, independentemente de a vindicação de alguém por Deus ocorrer nesta vida ou na próxima, a pessoa de fé pode ter certeza de que ela virá e caminhará adequadamente diante da hostilidade dos pecadores.

Aqueles que escaparam do fio da espada podem ser verdadeiros de muitas figuras proeminentes do Antigo Testamento e, novamente, contrastarão fortemente com aqueles que encontraram a morte pela espada em 11:37. Um terceiro grupo se concentra naqueles que tornaram possíveis as vitórias de Israel sobre grupos de pessoas hostis. Aqueles que se tornaram poderosos a partir da fraqueza podem primeiro se lembrar da história de Sansão em Juízes 16, mas também podem trazer à memória outros que alcançaram atos poderosos pela confiança e firmeza em Deus, como a heroína Judite, um modelo de alguém que é considerado fraco, mas é capacitado para um grande ato para trazer a Israel uma grande vitória sobre seus inimigos.

Ambas as figuras libertam os israelitas de um poder estrangeiro. Aqueles que se tornaram fortes na batalha e aqueles que derrotaram exércitos estrangeiros são

apenas descrições que se aplicam a muitas figuras, dos juízes ao rei Davi e tão adiante quanto a família Hasmonean e seus exércitos na Revolta dos Macabeus que foi lançada por volta de 166 a.C. Os juízes derrotaram os exércitos militares ou acampamentos de outras nações, assim como Davi e o exército guerrilheiro lutando sob Judas Macabeu e sua família.

Embora os destinatários não estejam eles próprios em uma situação militar, o testemunho aqui de minorias superando majorias pode ser bastante relevante e encorajador para eles, pois estão preparados para continuar contra a hostilidade de um mundo descrente distintamente maior e muito mais fortalecido. Hebreus 11.35 serve como uma espécie de ponte entre essas figuras triunfantes nos versículos 32 a 34 e o que as pessoas de mentalidade mundana considerariam perdedores abjetos na segunda parte do versículo 35 e seguintes. As mulheres receberam seus mortos de volta pela ressurreição, mas outras foram torturadas.

Recusando-se a aceitar a libertação para receber uma ressurreição melhor. A primeira metade deste versículo introduz um novo sujeito, as mulheres, quebrando assim a continuidade com o que precedeu e criando um novo começo. O autor fala aqui primeiro das mulheres que receberam de volta seus mortos por meio da ressuscitação mais propriamente do que da ressurreição.

Por exemplo, a ressurreição do filho da viúva de Sarepta por Deus através de Elias, uma história contada em 1 Reis 17, ou a ressurreição do filho da mulher sunamita através de Eliseu, como contado em 2 Reis capítulo 4. Seus exemplos fornecem ainda outra afirmação do poder de Deus sobre a morte, um tema que percorreu todo o encômio até agora. O autor apresenta tais pessoas em contraste suave com aqueles que permaneceram leais até o ponto da morte para atingir uma ressurreição melhor, isto é, aqueles que ressuscitaram para a vida eterna no reino de Deus em vez daqueles que foram ressuscitados novamente para a vida deste mundo apenas para morrer novamente. Aqueles que foram torturados, mas que mantiveram sua lealdade a Deus e confiaram na recompensa dos fiéis são os mártires que sofreram sob Antíoco IV durante a crise de helenização de 164 a 160, infelizmente, de 167 a 164 a.C., cuja história é vividamente preservada em 2 Macabeus 6:18 a 7, versículo 42, e depois expandida em 4 Macabeus, capítulos 5 a 18.

A inclusão desses mártires não é surpreendente aqui, uma vez que eles tinham servido uma função importante como exemplos de comprometimento com Deus e a lei de Deus no judaísmo helenístico. De fato, a natureza exemplar de sua fidelidade a Deus e sua aliança é introduzida na própria narrativa de seus sofrimentos em 2 Macabeus e 4 Macabeus. A história desses martírios é definida na esteira da crescente tensão em Jerusalém após a refundação de Jerusalém como uma cidade grega.

A crescente resistência a essa helenização no próprio coração da terra de Israel levou a medidas cada vez mais repressivas por parte do monarca selêucida Antíoco IV e seus oficiais locais da Judeia a ponto de se tornar ilegal seguir a prática judaica tradicional da terra. Então, lemos em 1 Macabeus sobre mulheres sendo executadas junto com seus filhos homens porque eles os tinham circuncidado ou sobre judeus mais velhos sendo executados porque estavam escondendo e protegendo cópias dos pergaminhos da Lei de Moisés. Os autores de 2 Macabeus 6 e 7 e de 4º Macabeus como uma obra que é ela própria derivada de 2 Macabeus contam a história muito específica de nove mártires, um velho sacerdote chamado Eleazar, um grupo de sete irmãos e a mãe dos sete.

Esses judeus piedosos são levados perante Antíoco IV, que está disposto a deixá-los ir se eles simplesmente comerem um bocado de carne de porco de um porco que foi oferecido a uma divindade estrangeira. A carne em questão é um golpe duplo contra a observância da Torá, sendo impura em si mesma e também tendo sido carne sacrificada a um ídolo. Essas figuras são torturadas uma de cada vez, e corajosamente se recusam a aceitar a libertação, embora ela seja repetidamente oferecida a elas.

Concordam em comer e ser libertados das torturas. Eles se permitem ser torturados mais brutalmente até o ponto da morte em vez de abandonar a fé em Deus. Particularmente em 2 Macabeus 7, é a esperança da ressurreição que eles mantêm diante de seus olhos e gritam com seus últimos suspiros como aquilo pelo qual eles estão suportando as dores e mantendo sua lealdade a Deus.

Esses mártires morrem em meio ao escárnio e à zombaria de seus inimigos. Aos olhos do mundo, eles morrem uma morte vergonhosa. No entanto, eles suportam a dor e a vergonha.

Eles tinham uma saída dessas extremidades, um caminho de volta para a facilidade e aprovação. Como Abraão e os patriarcas, eles tiveram a oportunidade de abandonar a jornada que a obediência a Deus exigia. No entanto, com Abraão, Moisés, e como estamos prestes a ver Jesus, esses mártires fixaram seus olhos na recompensa prometida por Deus, que é descrita aqui como uma ressurreição melhor.

O restante dos exemplos no capítulo 11, versículos 36 a 38, expandem a companhia daqueles que suportaram vergonha e hostilidade neste mundo por causa de sua confiança nas promessas de Deus, em vez de abandonar essas promessas para se libertarem da vergonha ou da marginalização. O autor combina uma ampla gama de imagens aqui, cada uma das quais contribui para o quadro geral de um grupo que é marginalizado ao extremo, não tendo lugar na sociedade e exposto a toda forma de desgraça nas mãos da sociedade. Ainda assim, outros experimentaram zombaria, espancamentos, correntes e prisão.

Eles foram mortos por apedrejamento. Eles foram cortados em dois. Eles foram massacrados pela espada.

Eles andavam vestidos com peles de ovelhas em peles de cabras, famintos, aflitos, maltratados, pessoas das quais o mundo não era digno, vagando em terras devastadas e montanhas e cavernas e nas fendas da terra. Aqui, o autor provavelmente reflete sobre as tradições das mortes dos profetas. Jeremias é particularmente conhecido por ter sido vítima de provocações, espancamentos e frequentemente ser preso e colocado em troncos ou correntes.

Embora as mortes dos profetas passem em grande parte despercebidas no próprio Antigo Testamento, lendas judaicas surgiram para suprir os detalhes que faltavam. Assim, Jeremias teria sido apedrejado até a morte de acordo com a tradição no livro, *The Lives of the Prophets*, livro dois, assim como Zacarias, filho de Joiada, conhecido de *Second Chronicles* 24. Tanto *The Lives of the Prophets* quanto o texto conhecido como *Ascensão de Isaías* preservam a tradição de que Isaías foi serrado em dois.

E o profeta Urias, conhecido de Jeremias capítulo 26, foi morto à espada. As frases restantes desses versos descrevem a vida vivida nas margens da civilização. As imagens são provavelmente inspiradas, pelo menos em parte, pelos relatos das vestimentas e das frequentes moradas dos profetas Elias e Eliseu.

Mas o autor pode ter em mente também a apokoresis, a direção para as colinas, daqueles judeus fiéis que deixaram Jerusalém para evitar a contaminação, bem como a perseguição durante a crise helenizante, o mesmo período de tempo que nos deu os mártires mencionados em Hebreus 11.35. As vestimentas desses indivíduos claramente os colocam à margem da sociedade. As vestimentas de linho vêm dos artesãos e dos comerciantes nos mercados, mas as peles de animais colocam os usuários fora da sociedade ordenada. Essas são pessoas que não têm mais lugar na ordem social e que vivenciam tensão e antagonismo significativos com os poderes constituídos.

Os destinatários deste sermão são capazes de definir sua própria experiência, sua perda de lugar em sua sociedade, sendo empurrados para suas margens dentro do contexto do povo maior de Deus, que sempre se afastou de estar em casa neste mundo para estar em casa com Deus. Eles serão explicitamente instados a abraçar esse movimento para longe do conforto dentro da sociedade perto do final do sermão no capítulo 13, versículos 12 a 14. O autor insere um comentário interessante no meio desta passagem, de quem o mundo não era digno.

Esta é uma reversão impressionante. O autor está basicamente questionando quem está julgando quem quando o povo de Deus é empurrado para as margens e tratado de forma mesquinha. O filho de Deus, o seguidor de Deus, não deve ser avaliado pelos padrões da cultura dominante.

Aqui, especificamente, a cultura greco-romana. Em vez disso, o mundo exterior é avaliado pela maneira como tratou os fiéis em seu meio. Os destinatários podem, portanto, ter certeza em sua situação de que a censura e o abuso que recaem sobre eles como resultado de seu compromisso de honrar e obedecer ao Deus único sinalizam não sua própria desgraça, mas a desgraça dos descrentes.

Nos dois últimos versículos do capítulo 11, o autor fala das limitações experimentadas por todo esse desfile de heróis da fé em relação ao que os próprios destinatários passaram a experimentar. Enquanto os fiéis pré-cristãos receberam muitos dons prometidos de Deus, o autor tem em vista aqui a promessa de uma herança eterna para e em direção à qual, em sua visão, todo o povo de Deus se esforçou junto. Esta pátria celestial ou reino inabalável ainda estava para ser revelado, e todas as pessoas de fé receberiam isso juntas.

Ao dizer que esses heróis da fé ainda não alcançaram a promessa, o autor não está lançando nenhuma culpa ou vergonha sobre eles. A provisão de Deus para trazer-lhes muitos clientes fiéis e confiantes para o benefício prometido de uma pátria celestial envolveu o sacrifício de Jesus, que aperfeiçoa para sempre aqueles que se aproximam de Deus. Os patriarcas esperavam ansiosamente para entrar no mesmo descanso que está aberto para os ouvintes, mas esse novo e vivo caminho não poderia ser aberto até que, na plenitude dos tempos, o Filho de Deus realizasse sua obra sacerdotal.

O algo melhor de Hebreus 11:40 é uma referência indireta a Jesus, que está no centro de tudo o que é melhor neste sermão, um mediador melhor de uma aliança melhor fundada em promessas melhores, trazendo os ouvintes para suas posses melhores em seu país melhor. Esta frase conclusiva empresta uma urgência especial à exortação que se seguirá no capítulo 12 1 a 3. Os destinatários estão mais próximos da meta do que qualquer um dos exemplares de fé celebrados no capítulo 11, e eles viram os meios pelos quais Deus traz a promessa ao seu cumprimento final. Sua gratidão e lealdade devem ser ainda maiores e mais firmes, uma vez que Deus lhes deu um lugar especial no cumprimento de sua promessa a todas as pessoas de fé.

No entanto, a responsabilidade é igualmente maior. Será que eles, no final desta corrida de revezamento, deixarão cair o bastão que lhes foi passado à vista de muitos que já correram a corrida tão bem e tão honrosamente? Em Hebreus 12:1 a 3, o autor chega finalmente ao melhor exemplo de fé em ação, a saber, Jesus, e também exorta os ouvintes a tomarem seu lugar nesta corrida de revezamento da fé. Com um enfático, assim também, nós, portanto, o autor passa do louvor aos heróis da fé de volta para exortar os ouvintes a continuarem a viver como tais pessoas de fé e a tomarem seu lugar nas fileiras daqueles que lidaram com o reino visível e seus desafios como pessoas cujos olhos estavam no invisível e no futuro que Deus está trazendo para acontecer.

Tendo, pois, tão grande nuvem de espectadores ao nosso redor, corramos também com perseverança a corrida que nos é proposta, despojando-nos de todo peso e do pecado que facilmente nos envolve, olhando para o pioneiro e consumidor da fé, Jesus, que, pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. Considerai aquele que suportou tal hostilidade dos pecadores contra si mesmo, para que não vos desfaleçais, ficando cansados em vossas almas. O autor retrata aqui a imagem atlética de correr uma corrida, mesmo que pareça aos destinatários mais como se estivessem correndo uma luva, em vez disso, por causa do abuso e da marginalização a que foram submetidos.

Ao ajudar os ouvintes a pensar sobre o discipulado em termos de um evento atlético, ele mantém diante deles a perspectiva de uma vitória honrosa no final desta jornada. A desgraça é evitada não cedendo às pressões do vizinho, mas perseverando até a linha de chegada diante das pressões do vizinho. E ele os exorta a perseverar, considerando quem se senta nas arquibancadas.

Aqui, a nuvem de testemunhas pode muito bem ser tomada como uma nuvem de espectadores. Eles não são meramente testemunhas da virtude da fé, mas testemunhas de como os destinatários deste sermão agora correrão a corrida. E essas arquibancadas não estão cheias de fãs de esportes flácidos, mas de vencedores de medalhas anteriores, todos eles.

O tribunal da reputação, cuja aprovação importa e cujo próprio sucesso passado condenaria o fracasso por parte dos competidores, é composto por esse grupo de heróis da fé ao longo de todos os tempos, da criação ao presente. Esses espectadores demonstraram em suas próprias vidas que a perseverança está de fato ao alcance de cada homem e mulher entre os destinatários. Então, o autor os encoraja a correr com resistência, apelando assim ao tópico maior da coragem, a determinação de permanecer constante em seus objetivos diante de dificuldades e sofrimentos.

A coragem era frequentemente conceituada no mundo antigo em relação ao exercício da guerra. O campo de batalha era um lugar de horror, dor e as coisas mais terríveis, mas a pessoa honrada deve enfrentar e suportar essas dificuldades para ser fiel ao seu dever para com a cidade-estado. Escolher não suportar essas dificuldades seria um abandono do dever e uma violação de obrigações e confiança sagradas.

Assim também, o autor aqui exorta coragem sobre seus heróis enquanto eles se envolvem nessa disputa um tanto brutal diante do ataque de seu vizinho para suportar o horror, a dor e o terror que poderiam ser trazidos sobre eles em vez de serem encontrados abandonados em seu dever para com Deus. A imagem da disputa orienta os heróis para a oposição de seus vizinhos pagãos de tal forma que a perseverança e o compromisso cristão e o testemunho diante da censura e do abuso

se tornam o caminho nobre e corajoso, enquanto ceder às técnicas de vergonha do mundo exterior se torna o caminho ignóbil e covarde. Este é um golpe surpreendente, pois o autor está transformando a resistência contínua à censura em um curso de ação honroso.

O pregador sabe que correr uma corrida efetivamente requer correr sem obstáculos. Assim, ele exorta os destinatários a deixarem de lado todo peso, tudo o que os enreda e os impede de correr bem para a frente. Na situação passada do herói, sua reputação se tornou um peso que poderia tê-los feito tropeçar se tentassem mantê-lo intacto, continuar carregando-o como era.

Em vez disso, eles jogaram isso de lado para correr para Cristo. Seu ser físico se tornou um peso, o que, novamente, se eles estivessem inclinados a manter seus corpos livres de danos, poderia tê-los feito parar de correr completamente. Novamente, eles jogaram fora esse peso e continuaram correndo para frente.

A propriedade deles se tornou um peso quando eles ficaram presos entre mantê-la e manter Cristo. Novamente, eles escolheram a melhor parte e deixaram o peso de lado. E, claro, antes desses pesos, havia os pecados que enchiam suas vidas, pecados revelados a eles pela iluminação que veio com o Espírito Santo e o evangelho, mas que eram apenas um modo de vida antes, por exemplo, da participação na idolatria.

Todos esses pesos eles jogam de lado. Se agora alguns estão vacilando ou já recuaram da comunhão aberta com um grupo cristão, é claro que eles estão se tornando sobrecarregados novamente, no caso deles, por uma preocupação renovada sobre sua reputação ou sua nova situação econômica e coisas do tipo. O chamado do autor para tais crentes é continuar deixando de lado tudo o que ameaça o progresso nesta corrida.

O curso estabelecido diante de nós é aquele que Jesus correu à nossa frente, e essa conexão leva o autor então a apresentar Jesus em Hebreus 12 versículo 2 como o principal exemplo de como correr. A maneira como Jesus encontrou oposição no caminho para o objetivo fornece às muitas crianças um modelo para perseverança bem-sucedida na corrida, e assim, o autor incitará os ouvintes a correrem sua corrida olhando para Jesus, o pioneiro e aperfeiçoador da fé. Observe que estou traduzindo isso, o pioneiro e aperfeiçoador da fé, não o pioneiro e aperfeiçoador da nossa fé, como fazem muitas traduções em inglês.

Simplesmente não há base no grego para o pronome possessivo nosso, e tais traduções obscurecem o fato de que Jesus é o exemplo climático de fé em ação do autor neste elogio à fé que começou com o capítulo 11, versículo 1. Jesus é o pioneiro da fé, pois corre à frente dos crentes. Pode-se comparar a discussão do autor sobre Jesus como nosso precursor no capítulo 6, versículo 20. Jesus também, entre aspas, lidera a hoste de muitos filhos e filhas para a glória, como o autor

colocou em Hebreus, capítulo 2, versículo 10, o outro lugar neste sermão onde Jesus é chamado de pioneiro.

Como pioneiro, Jesus abriu caminho através de dificuldades e vergonha por causa da alegria que estava diante dele, a alegria que ainda está diante dos muitos filhos e filhas que seguem seu caminho. Sua exaltação por Deus a um lugar de honra incomparável no cosmos provou que sua atitude em relação à opinião do mundo era a correta. O fim de sua história é a prova de que andar como ele andou levará os muitos filhos e filhas também à glória.

Como um aperfeiçoador da fé, Jesus demonstrou confiança ou fé em sua forma mais completa e perfeita, e a colocação de Jesus no final desta lista de exemplos apoiaria tal leitura. Ele foi primeiro e foi mais longe do que qualquer outra pessoa em termos de incorporar o que a fé parece. O exemplo de Jesus é enquadrado de forma sucinta e poderosa em Hebreus 12, versículo 2. Jesus, citação, suportou uma cruz, desprezando a vergonha, e sentou-se à direita do trono de Deus.

A crucificação foi o ponto mais baixo em termos de degradação e vergonha, e bem intencionalmente. Crucificar alguém era expô-lo à desgraça pública e, com efeito, fazer um outdoor humano dele para todos os passantes para dizer, não seja como essa pessoa. Portanto, desprezar a vergonha é essencial para a perseverança na fé em direção a Deus no meio deste mundo.

Isso está no cerne do que Jesus teve que fazer e também é um tema recorrente ao longo do capítulo 11. Encontramos aspectos de desprezo pela vergonha na caminhada de fé de Abraão, Moisés e os mártires. Também é central para o próprio exemplo passado da congregação no capítulo 10, versículos 32 a 34.

Aqui, o autor provavelmente está pensando não apenas em desprezar a experiência de ser envergonhado, mas em desprezar a vergonha em si, tomando vergonha aqui no sentido de sensibilidade à avaliação do estranho sobre o que é nobre ou vergonhoso. A ignorância do estranho sobre o caminho para a honra diante de Deus e as justas exigências de Deus distorce sua própria capacidade de reconhecer o que é honroso ou não. Pontos semelhantes são feitos no discurso filosófico ao longo deste período.

Platão, Sêneca e Epicteto ensinariam a seus leitores ou alunos que a preocupação com a opinião do não iniciado, do não filósofo, é, na melhor das hipóteses, uma distração e, na pior, um descarrilamento para a pessoa que deseja viver uma vida geralmente virtuosa. O exemplo de Jesus é extremamente relevante para os ouvintes neste ponto. Eles também estão sendo chamados a continuar a desprezar a vergonha.

Eles não devem se deixar levar para a esquerda ou para a direita em sua corrida por qualquer sensibilidade ao louvor ou à censura de não cristãos. É somente a aprovação de Deus, Cristo e da comunidade de fé ao longo das eras que deve determinar suas escolhas e ações. Nas palavras do pai da igreja do século V, João Crisóstomo, Jesus morreu vergonhosamente, por nenhuma outra razão além de nos ensinar a não considerar a opinião dos seres humanos como nada.

A morte de Jesus na cruz é uma morte sofrida por eles e, portanto, uma que deve, com cada menção a ela, despertar sua gratidão e seu respeito, em vez de seu desprezo e desgosto. Chamar a atenção mais uma vez para os sofrimentos ou dificuldades suportados por um patrono, um mediador como Jesus, deve despertar sentimentos semelhantes de lealdade e gratidão por parte daqueles que se beneficiaram. Chamar a atenção para tal autoinvestimento por parte do patrono é comum em inscrições honoríficas no mundo greco-romano.

É um sinal do grau de investimento do patrono nos beneficiários e, portanto, uma causa para gratidão ainda maior e investimento e lealdade recíprocos. Jesus suportou dificuldades para chegar a um objetivo nobre ou, nas palavras do autor, para o bem de, em grego, a preposição é anti, a alegria colocada diante dele. Há alguma discussão entre os comentaristas sobre como exatamente entender a preposição anti aqui.

Deveríamos entender como em vez de ou por causa de? Foi em vez da alegria que lhe foi proposta que Jesus suportou uma cruz, ou foi por causa da alegria que lhe foi proposta que ele suportou esta cruz? O equilíbrio das evidências, na minha opinião, cai fortemente em favor de por causa de. Por um lado, o autor não dá nenhuma indicação de qual alegria Jesus estava deixando de lado ao permanecer obediente a Deus, mas o autor é muito claro ao longo do sermão sobre a alegria que veio a Cristo como resultado de sua resistência à cruz, particularmente sua exaltação, algo anunciado já nos primeiros quatro versículos de Hebreus e que o autor manteve em vista ao longo de seu sermão. Esta alegria particular que lhe foi proposta também é mencionada aqui no contexto imediato.

Depois de desprezar a vergonha e suportar uma cruz, Jesus sentou-se à direita de Deus. Sentar-se à direita de Deus seria então sinônimo e renomearia a alegria colocada diante dele pela qual Jesus suportou essa dor e desgraça. A mesma preposição também ocorre apenas alguns versículos depois no capítulo 12, versículo 16.

A escolha tola e desonrosa de Esaú, que, por uma única refeição, novamente ante, vendeu sua herança como primogênito, contrasta com a escolha de Jesus. Jesus escolhe dificuldades temporárias por uma honra eterna, novamente ante. O exemplo de Jesus também se encaixa no paradigma de Aristóteles da pessoa corajosa na ética a Nicômaco de Aristóteles, ou seja, a pessoa que ganha elogios ao se submeter a

alguma desgraça ou dor por uma questão de. Aristóteles usa a preposição ante, por uma questão de algum objeto grande e nobre.

Em 12:3, o autor aplica o exemplo de Jesus à situação do ouvinte. Considerem aquele que suportou tal hostilidade contra si mesmo dos pecadores, para que vocês não se cansem, desmaiando em suas almas. Os crentes enfrentam hostilidade e contradição dos pecadores assim como Jesus enfrentou, embora sua luta seja muito menos brutal do que a que Jesus suportou, como o autor continuará a apontar no versículo 4. Em sua própria luta contra o pecado, vocês ainda não resistiram a ponto de derramar sangue.

A resistência de Jesus a uma hostilidade, dor e degradação substancialmente maiores nas mãos dos pecadores deve encorajar aqueles em cujo nome ele sofreu essas coisas a não se cansarem em sua própria corrida. Considerações de reciprocidade devem entrar na mente do ouvinte neste ponto. Ficar cansado significaria quebrar a fé com aquele que suportou infinitamente mais para lhes trazer benefícios em primeiro lugar do que eles suportaram para se apegar a esses benefícios e se apegar ao seu benfeitor.

Eles ainda não começaram a se derramar por Cristo, como Cristo se derramou por eles. Rotular aqueles que mostram hostilidade para com Jesus como pecadores também ajuda a reforçar os limites do grupo e isolar os crentes da opinião de seus vizinhos. A hostilidade dos não crentes para com os crentes, como a hostilidade das pessoas para com Jesus em sua paixão e morte, mostra que eles estão do lado errado dos valores de Deus.

Compartilhar a experiência de Jesus de hostilidade de pessoas de fora se torna uma ocasião para o público se identificar mais intimamente com Jesus e, portanto, também uma oportunidade para eles se identificarem com o resultado final dos sofrimentos de Jesus, bem como a entrada na glória. O próprio exemplo de Jesus mostra aos ouvintes que, mesmo em meio à repressão e marginalização, eles estão em um lugar de grande favor com Deus. Hebreus 11:1 a 12:3 reúne uma grande quantidade de força retórica em direção à realização do autor de seus objetivos pastorais para seus ouvintes.

É uma combinação de provas de exemplos históricos e apelos à emoção da emulação, o anseio de atingir para si o sucesso ou os frutos do sucesso que se vê outra pessoa desfrutar. A prova de exemplos históricos demonstra primeiro que o caminho da perseverança fiel é viável, segundo que ele leva de fato a uma lembrança honrosa e, particularmente no exemplo de Jesus, que ele leva de fato à honra no reino de Deus. Este elogio à fé também é um apelo à emulação, na medida em que quando as pessoas nos períodos helenístico e romano ouvem outras pessoas sendo elogiadas, elas naturalmente desejam atingir para si mesmas as qualidades ou realizações que trouxeram a outra pessoa a experiência de ser honrada e elogiada.

Isso é um tanto básico para a psicologia de pessoas vindas das culturas mediterrâneas da era greco-romana. O autor cria um retrato da fé em ação que é especialmente adequado aos desafios enfrentados pelos destinatários, e como o autor mostra que essas pessoas alcançaram honra não apenas aos olhos de Deus, mas aos olhos das pessoas de fé ao longo dos séculos, ele desperta emulação nos ouvintes. Ele começa novamente a despertar ou pelo menos confirmar a ambição em seus corações de alcançar honra semelhante por meios semelhantes.

Como Abraão, os destinatários estão sendo chamados a perseverar em sua peregrinação àquele reino inabalável e a não olhar para trás melancolicamente para a terra natal que deixaram para trás socialmente, se não espacialmente. Como Abraão, Moisés, os muitos mártires e o povo marginalizado de Deus ao longo da história, e como o próprio Jesus, eles são desafiados a não levar em conta a opinião daqueles que incorporam os valores da sociedade em vez dos valores de Deus. Eles também são desafiados a abraçar a desgraça diante dos descrentes para receber a atestação positiva de Deus e compartilhar o destino honroso do povo de Deus.

Claro, este capítulo continua a oferecer desafios particulares às pessoas de fé muito além do cenário dos ouvintes abordados pelo pregador. Este capítulo nos lembra em cada geração que a fé olha para Deus, as promessas de Deus, o futuro de Deus e o reino de Deus como aquilo que é, em última análise, real e digno de investimento. Hebreus 11 nos coloca a questão fundamental : o que é mais real para você conforme você se move através de uma atividade típica do dia? As agendas impostas pelas preocupações mundanas são as principais em seus pensamentos e energia ou é a agenda imposta pelo Espírito Santo de Deus enquanto você atende a essas outras preocupações secundárias? As recompensas tangíveis de seus trabalhos — propriedade, casa, alguma medida de luxo, segurança financeira para o futuro — são mais reais? Ou as recompensas intangíveis de sua busca por Deus são mais reais? Como empregamos nosso tempo, talentos, energias e recursos nos dirá algo sobre onde nos encaixamos ao longo deste continuum.

O elogio à fé também nos lembra que a fé orienta nossas ambições para agradar a Deus em tudo o que pensamos, dizemos, fazemos e nos abstermos de fazer. Os heróis da fé buscaram isso como se suas vidas e sua vida após a morte dependessem disso. Nós? Os autores do Novo Testamento também falam conosco, tanto das promessas de libertação, da salvação e do aviso de julgamentos, nos chamando para responder fielmente, isto é, com a confiança que ordena todos os nossos seres e ações.

Nas palavras de Paulo, somos, portanto, ambiciosos em agradar a Deus, pois é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo para que cada um possa receber a recompensa pelos feitos no corpo, seja essa recompensa boa ou má. Como Abraão e Moisés, a pessoa de fé vive como um estrangeiro neste mundo, em vez de um cidadão enraizado. Somos chamados a deixar nossas terras nativas,

não necessariamente em um sentido geográfico, mas certamente em um sentido ideológico.

Somos desafiados a renunciar à nossa educação nos valores e prioridades da nossa sociedade e a remodelar nossos desejos, ambições, valores e prioridades de acordo com aqueles que Deus tornou conhecidos. Isso requer algum trabalho consciente e intencional, enquanto examinamos como nossos valores, nossas prioridades e nosso senso de valor foram moldados por vozes que não olham para a recompensa de Deus, mas apenas para recompensas temporais. À medida que nos ressocializamos e uns aos outros no corpo de Cristo, devemos incorporar aqueles valores e prioridades que Deus elogia, mesmo que nossos vizinhos e até mesmo nossos familiares possam nos achar tolos.

Como Moisés, temos dois destinos diante de nós. Nascemos em um destino. Somos preparados por nossa criação e por nossos pares seculares para sermos membros confiáveis de nossa sociedade, para desfrutar de seus presentes prometidos e para sermos espelhos dos valores de nossa sociedade.

Cumprimos esse destino ao vivermos nossa socialização primária nos valores do mundo. Como Moisés, no entanto, somos chamados a reconhecer que, mesmo que tal destino inclua uma vida de riqueza, fama e poder como este mundo a considera, nosso destino final seria arrependimento e remorso quando Deus vier julgar aqueles que desprezaram suas promessas em prol de bens temporários. Pela fé, nascemos para uma nova esperança e somos chamados a investir-nos totalmente na busca desse prêmio como nosso verdadeiro destino.